

Barragem do Baixo Sabor: o ambiente ficou a perder ou a ganhar?

ENERGIA | 22.04.2014 às 11h28



Agora que a albufeira do Sabor começa a crescer, a VISÃO visitou a controversa barragem e analisa os prós e contras da obra. **VEJA AS FOTOS**



1 / 27

À primeira vista, a poucas centenas de passos, a barreira de betão que corta a corrente do rio Sabor não impressiona tanto como prometiam os seus 123 metros de altura (a estátua do Cristo-Rei incluindo o pedestal, mede 110 metros). Mas, quando se foca o olhar, dois minúsculos pontos numa plataforma móvel, a meio do muro cinzento claro, ganham formas humanas. Subitamente, com os homens como pontos de referência, a parede mostra-se colossal. Na verdade, apenas uma barragem portuguesa (a do Cabril) é mais alta do que esta.

Não é, no entanto, o impacto do paredão gigante na paisagem, até aqui uma das mais intocadas do País, que tira o sono a muitos ambientalistas, que travaram e continuam a travar, uma guerra contra a **Barragem do Baixo Sabor**. O problema está a montante: nas águas que sobem e se preparam para submergir um dos últimos vales selvagens de Portugal e inundar uma área equivalente a um terço da cidade de Lisboa. "O rio tem pouco mais de cem quilómetros. Para cima de 40 vão ser destruídos", sintetiza Domingos Patacho, representante da **Quercus** na Plataforma Sabor Livre, um grupo que junta várias organizações não-governamentais do ambiente.

"Aquele é um sítio de Rede Natura 2000 e Zona de Proteção Especial, de vegetação rica, com comunidades raras de buxo, uma planta que só ocorre no vale do Sabor. Mais de 300 mil árvores, a maioria sobreiros e azinheiras, foram abatidas. Zimbros, freixos." As medidas de compensação e minimização dos efeitos contrapartidas ambientais implementadas ou a implementar pela EDP, promotora e dona da obra não chegam para repor a ordem natural das coisas, garante Paulo Santos, presidente do **FAPAS** (Fundo para a Proteção dos Animais Selvagens), porventura a mais ativa associação da Plataforma Sabor Livre. "O que diferenciava o nosso país está a desaparecer. Os vales eram o que sobrava de habitat natural.

Ficam lagos de barragem, que é o que há em todo o lado." A EDP, por seu lado, recorda os 70 milhões de euros gastos ou a gastar em medidas ambientais, arqueológicas e sociais. De que forma foi então compensado o incomensável?

RESERVATÓRIO DE ENERGIA

Nos escritórios provisórios junto à barragem de jusante (a nove quilómetros da principal e já à vista da foz, no Douro), o diretor do projeto, Lopes dos Santos, enfatiza a importância ou inevitabilidade da obra.

"Apesar de ter só 170 megawatts (MW), a albufeira, com os seus mais de mil milhões de

metros cúbicos, vai constituir uma enorme reserva energética, mudando a forma de gerir o sistema." Lopes dos Santos refere-se às quatro barragens a jusante, no Douro (Valeira, Régua, Carrapatelo e Crestuma), com uma potência instalada conjunta superior a 800 MW. Na prática, a albufeira, de capacidade semelhante à de Castelo do Bode, no Zêzere, servirá de reservatório para quando as outras represas necessitarem de água.

"O Baixo Sabor será o grande armazém de energia do rio Douro, cuja bacia é já o maior centro de produção hidroelétrica do País", explica.

NÚMEROS

Altura da barragem de montante - 123 metros

Altura da barragem de jusante - 40 metros

Capacidade da albufeira - 1 095 milhões de metros cúbicos de água (equivalente à de Castelo do Bode)

Potência instalada - 172 MW

Valor do investimento - €625 milhões

Emissões de dióxido de carbono evitadas por ano - 1,037 milhões de toneladas

O diretor de projeto não nega que a barragem irá alterar profundamente a paisagem, alagando uma grande área até aqui quase virgem. Mas mostra-se confiante no alcance das medidas aplicadas no terreno. Realisticamente, sem barragem a região nunca contaria com grandes investimentos na conservação da natureza, que podem vir a mostrar-se cruciais para espécies em declínio nos últimos anos, como o lobo, o corço, diversos morcegos, a cegonha-preta e algumas aves de rapina.

Os próprios ambientalistas admitem o valor de algumas medidas, ainda que as atribuam a uma imposição da Comissão Europeia e não à boa vontade da empresa. "As charcas para alimentação da cegonha-preta e os muros para fixação de répteis são interessantes, assim como os campos de alimentação interditos à caça para melhorar as populações de perdiz, que servirão de alimento natural das águias. Mas é preciso que, no futuro, haja fiscalização, para garantir que não haverá mesmo caça", diz Paulo Santos, do FAPAS.

VERBAS MAL APLICADAS?

Outra das críticas das associações conservacionistas é a suposta aplicação a contagotas das medidas compensatórias. O último comunicado da Plataforma Sabor Livre

referia uma implementação de apenas 49 por cento. Neste momento, segundo o representante da empresa, a taxa média de execução está nos 80% (com mais de metade das medidas já terminada), o que considera estar em linha com a evolução das obras na barragem. O relativo atraso é explicado com a necessidade de negociar e assinar centenas de protocolos com organizações locais e proprietários de terrenos.

De qualquer forma, o investimento não se esgota nos 70 milhões de euros. Anualmente, desde o início da construção da barragem, a EDP atribui 375 mil euros ao **Fundo Baixo Sabor**, para financiar projetos de desenvolvimento sustentável e conservação da biodiversidade. Esse valor crescerá, após a conclusão da empreitada, para uma média de 525 mil euros anuais (indexado às receitas da barragem).

Mais uma vez, o que preocupa os opositores da barragem não é a teoria, mas a prática. "O Fundo, infelizmente, tem servido para outras coisas que não melhorias ambientais ", acusa Paulo Santos. "A comissão que o gere é controlada pelas autarquias e, devido aos critérios de seleção pouco recomendáveis, acabam por ser selecionados projetos que nada têm a ver com ambiente." O ambientalista assegura que já foi gasto dinheiro do Fundo em iluminação pública e em obras de melhoria de um posto de turismo.

Com mais ou menos defeitos, a barragem é um dado adquirido. De comportas entretanto fechadas, a albufeira deverá aproximar-se da cota máxima durante o próximo inverno. Depois disso, a paisagem do Sabor só poderá voltar ao que era no final do tempo de vida da infraestrutura já às portas do século XXII.

SUAVIZANDO OS EFEITOS

De muros para répteis a charcos para alimentação da cegonha-preta, além da plantação de árvores e gestão de áreas propensas a incêndios, foram várias as medidas para compensar e minimizar os impactos ambientais da Barragem do Baixo Sabor:

Três campos de alimentação para aves necrófagas;

5 800 hectares de zonas interditas à caça, distribuídos por 33 áreas;

Construção de 147 bebedouros e comedouros e 380 hectares de mosaicos de sementeiras e clareiras para presas naturais de aves de rapina e do lobo (há sete alcateias na região);

Atribuição de 60 cães de gado a pastores e distribuição de cercas elétricas móveis para proteção dos rebanhos;

Plantação de 300 hectares de espécies protegidas;

Limpeza de 456 hectares de matos, manutenção de zonas corta-fogo e melhoria dos acessos viários florestais;

Recuperação e construção de 28 pombais;

Construção de 6 muros para fixação de colónias de répteis e de 39 charcas para anfíbios e alimentação de cegonha-preta;



PALAVRAS-CHAVE

BARRAGEM

AMBIENTAIS

ENERGIA

POTÊNCIA INSTALADA

BAIXO SABOR

EDP

QUERCUS

SABOR

DOURO

MEDIDAS COMPENSATÓRIAS

PRÓS E CONTRAS

FAPAS

NATUREZA

